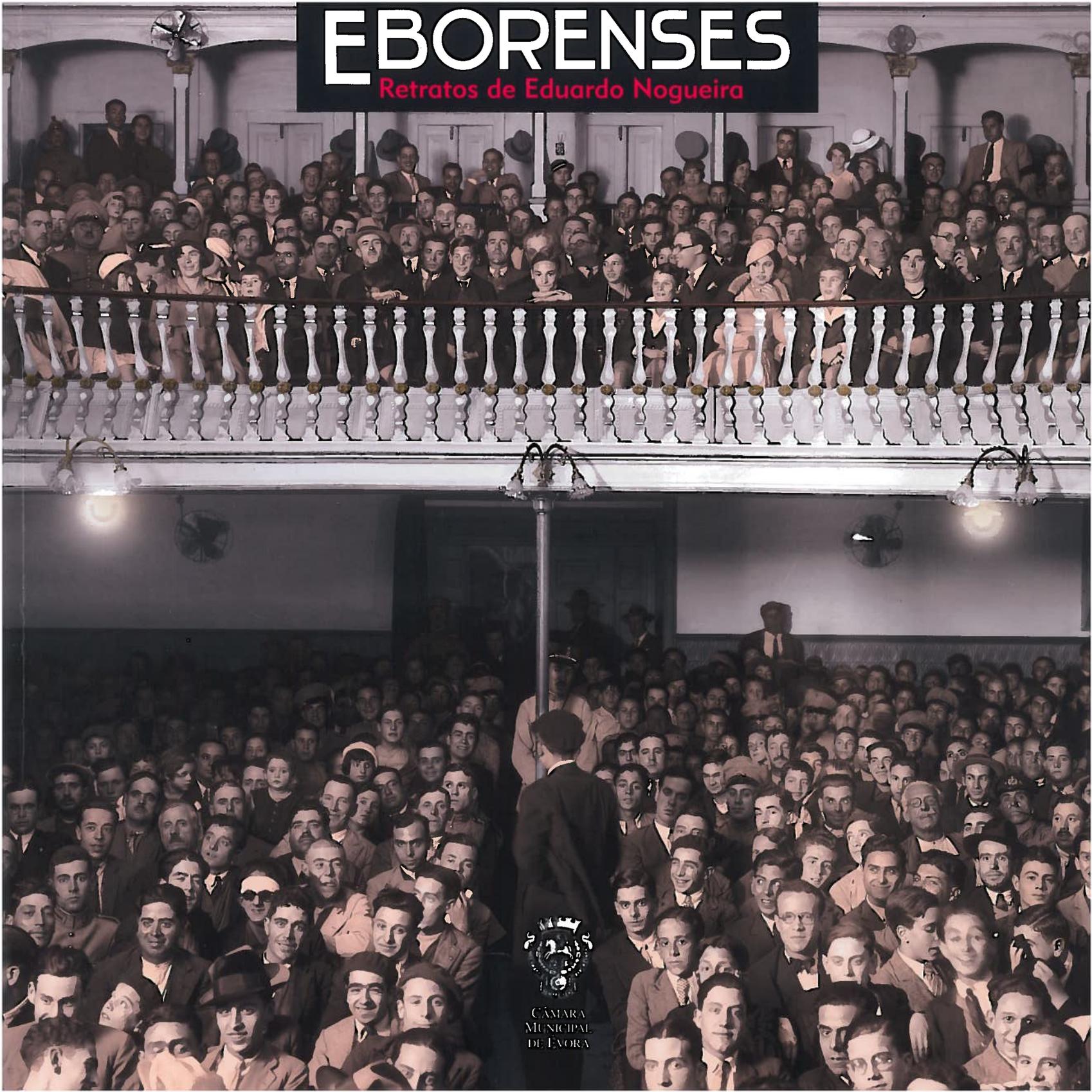


EBORENSES

Retratos de Eduardo Nogueira



CÂMARA
MUNICIPAL
DE EVORA

EBORENSES

Retratos de Eduardo Nogueira



2014

Organização e Produção

Câmara Municipal de Évora

Comissariado e concepção geral

Cármen Almeida

Texto

Cármen Almeida

Fotografia

Eduardo Nogueira

Tratamento e inventariação da colecção

Joana Duarte

Susana Cunha

Apoio à Pesquisa Histórica e Fotográfica

Bernardina Sebastião

Luisa Martinho

Digitalização e tratamento de imagens

Luis Pavão, Lda.

Ampliações fotográficas

Milideias – comunicação visual, Lda.

Secretariado

Rosa Paes

Montagem e carpintaria

Divisão de Obras Municipais – Brigada de Carpintaria e Pintura

Coordenação: José Serra

Montagem: Carlos Abelho, Eduardo Balixa, Gonçalo Fernandes, Joaquim Almeida, Manuel Balixa e Nuno Nunes.

Luminotecnia

Projecto: Vitor Vajão

Montagem: Vitor Delgado, Lda.

Sonoplastia

Banda sonora: Amílcar Vasques Dias

Instalação: João Bacelar.

CATÁLOGO

Edição

Câmara Municipal de Évora, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades e Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora

Coordenação editorial

Cármen Almeida

Textos

Ana Cardoso de Matos, Carlos Pinto de Sá, Cármen Almeida, Fernando Gameiro, Maria Ana Bernardo, Maria Zozaya Monteiro, Paulo Simões Rodrigues.

Revisão de Texto

Teresa Molar

Design Gráfico e Paginação

Milideias – comunicação visual, Lda

Impressão

Greca, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 377217/14

ISBN: 978-972-8509-50-7

Tiragem

1500 exemplares

Agradecimentos

Das fotografias agora reproduzidas, o Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora apenas dispunha do nome de quem as tinha mandado fazer e não dos retratados, pelo que a colaboração das respectivas famílias e amigos foi essencial para a respectiva identificação. Neste sentido a Câmara Municipal de Évora agradece a colaboração de todas as entidades e personalidades envolvidas.

Pela cedência de espécies originais e por todo o apoio prestado a CME destaca e agradece a colaboração dos familiares de Eduardo Nogueira, Ana Morais dos Santos, Luis Nogueira Morais dos Santos e José Luis Nogueira Morais dos Santos.

OS DIAS NA CIDADE

Maria Ana Bernardo,
Ana Cardoso de Matos,
Fernando Gameiro,
Maria Zozaya Monteiro

CIDEHUS, Universidade de Évora

Casamento de Eugenio Hernandez

Encomendado por Eugenio
Hernandez

Data 1938

Cota EDN 42047

Ampliação digital efectuada
a partir de digitalização de
negativo original (negativo
de vidro p/b, dimensões
13x18cm)

O dia do casamento de Maria e Eugénio foi certamente um momento marcante na história das suas vidas. Por isso mesmo, o jovem casal entendeu fixá-lo, para memória futura, através de registo fotográfico. Porém, o que para os noivos representava um acontecimento de primeira ordem no respetivo ciclo vital, era apenas mais um episódio da rotina profissional de Eduardo Nogueira.

Efetivamente, o relevo da obra comercial deste autor como documento para a história social e cultural da cidade de Évora decorre do facto de, em resposta às solicitações dos indivíduos e dos grupos, o fotógrafo ter captado milhares de imagens relativas a diversos aspetos da vida pública e privada dos seus habitantes. E se o aparente sentido denotativo das suas fotografias necessita de uma constante vi-

gilância por parte de quem as escrutina, como prevenção face ao efeito de realidade¹ com que as mesmas nos seduzem, é um privilégio para os estudiosos poderem contar com um acervo desta importância nas suas investigações sobre a história da cidade.

Assume-se, igualmente, alguma subjetividade tanto na escolha das fotografias que acompanham o presente texto como em relação à sequência e aos temas que o mesmo contempla. O interesse dos originais, quer no que diz respeito à sua qualidade enquanto objeto fotográfico, quer do ponto de vista das suas potencialidades narrativas, contribuiu certamente para a situação.

Porém, o texto sobre Os dias na cidade, como o próprio designativo deixa perceber, tem como propósito enquadrar as fotografias de Eduardo Nogueira num discurso que é, também, uma proposta de leitura sobre algumas dimensões da história da cidade de Évora e das gentes que nela viveram, entre os anos trinta e os anos sessenta do século passado. Assim, se por um lado as

1 Sobre a noção de *efeito de realidade* e sua relação com as imagens e, em particular com a fotografia, cf. Barthes, Roland, *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1987 e também Maria do Carmo Serén, “Imagem fotográfica como agente ou armadilha de aprendizagem/interpretação”, *Educação Sociedade & Culturas*, nº 40, 2013, pp. 77-94.

imagens que coabitam com o texto têm como função ilustrar e dar solidez documental às linhas interpretativas que o mesmo esboça, elas não deixam, como é próprio da linguagem fotográfica, de ter uma polissemia de sentidos que se desvela ao olhar do perito e também do leigo, que as confronta pelo inquérito dos afetos.

Mais do que uma mera duplicação da realidade, as fotografias de Eduardo Nogueira, como todas as suas congéneres, têm um potencial de significações sociais que não pode ser ignorado na relação entre a fotografia e a investigação no domínio da história².

Embora seja impossível discernir as razões precisas e circunstanciais que levaram as pessoas a encomendarem fotografias e/ou a fazerem-se fotografar, a galeria de imagens resultante desta dinâmica inscreve a realidade eborense na tendência de crescente divulgação da fotografia nas sociedades ocidentais tornando-a, do ponto de vista social, uma prática cada vez menos elitista³.

Parte do espólio do fotógrafo, sobretudo o relativo aos retratos individuais ou de pequenos grupos, é constituído por peças realizadas em estú-

2 Sobre a problemática da fotografia enquanto documento para a investigação em história cf., nomeadamente, António Sena, *História da Imagem fotográfica em Portugal (1939 – 1997)*, Porto, Porto Editora, 1998; Ayer 24: *Imagen e Historia*, Madrid, Marcial Pons, 1996; Peter Burke, *Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico*, Barcelona, Crítica; Cármen Almeida, *Objectos Melancólicos. Évora*, Lisboa, Caleidoscópio, 2005; Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad, “História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema” in *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia* (Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas org.), Rio de Janeiro, Campis, 1997; José Machado Pais, Clara Carvalho e Neusa Mendes de Gusmão (orgs.), *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008; José Mattoso (dir.), *História da Vida Privada em Portugal. Vol 3: A Época Contemporânea* (Irene Vaquinhas coord.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2010; Maria de Fátima Nunes, “Arqueologia de uma prática científica em Portugal – um a história da fotografia”, *História. Revista da Faculdade de Letras*, Porto, III Série, vl. 6, 2005 pp. 169-193; Krzysztof Pomian, *De l’histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, objet d’histoire* « Revue de Métaphysique et de Morale », 1998, nº 1, pp. 63-110.

3 Sobre a questão cf. o texto de Cármen Almeida, no presente Catálogo.

dio e com cenário devidamente preparado para o efeito. Mas muitas outras fotografias foram efetuadas em ambiências quotidianas como a casa, a escola, o local de trabalho, os espaços de lazer e sociabilidade ou a rua, onde transcorriam as vivências da população eborense.

Com efeito, o traço comum à generalidade das imagens incluídas na atual mostra sobre a obra de Eduardo Nogueira é a presença humana. Os Eborenses na sua cidade, ainda que as vivências captadas atuassem como recortes face à materialidade urbana que lhes era coeva⁴.

A família e o curso da vida

Muitos dos eborenses que constam nos trabalhos do fotógrafo foram apreendidos numa dimensão intimista, mediante fotografias que assinalam as diferentes etapas da vida ou incidem sobre a temática da família.

As fotografias de casamento são muito frequentes⁵ mas, para além delas sobressai um outro núcleo bastante numeroso: uma verdadeira galeria de imagens da infância, que os parentes faziam questão de entesourar. Dela constavam bebês em poses típicas, crianças que posavam engalanadas com exuberantes laços na cabeça e outras ainda que eram captadas em rituais re-

⁴ As fotografias desta mostra do trabalho de Eduardo Nogueira não pertencem à categoria das denominadas *vistas urbanas*, na qual a presença humana, quando existente, é supletiva, sendo a própria cidade a protagonista das mesmas (cf. Zita Rosane Possamai, "Narrativas fotográficas sobre a cidade", *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 55-90 – 2007). Sobre a fotografia de ambiente urbano como recorte, como produto de uma escolha entre o que sobre esse meio urbano se mostra e o que sobre ele se omite e, portanto, como uma narrativa intencionada sobre o mesmo, cf. Charles Monteiro, "História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa", *MÉTIS: história & cultura*. v. 5, n. 9, 2006, p. 19.

⁵ Relativamente ao significado social e às características das fotografias de casamento cf. Miriam Moreira Leite, *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001, pp. 11-128.

ligiosos ou atividades lúdicas. São também múltiplos os retratos que associavam pais e filhos, normalmente quando estes ainda não tinham saído da adolescência.

Igualmente numa linha de clara convergência entre a fotografia de ciclo vital e a familiar, dois retratos, entre o acervo do fotógrafo, merecem referência: um, composto apenas por figuras femininas, junta duas crianças e duas senhoras que serão certamente as avós; outro, reúne diversas famílias conjugais aparentadas entre si, acompanhadas dos respetivos filhos.

Assim se exprimiam os afetos, mas igualmente se reiterava a noção de passagem de testemunho, que afirmava a família como espaço de reprodução de posições e de estratégias identitárias. A própria deslocação ao estúdio, onde a maioria destas fotografias eram realizadas, remete para uma intencionalidade na ação que denuncia o investimento simbólico a elas subjacente.

Quem as encomendava, apropriava a fotografia como um recurso de criação e gestão de memória familiar. Mesmo a designada fotografia post mortem, que observamos com olhar de estranheza, dada a crescente invisibilidade da morte na nossa sociedade, proporcionava ao defunto uma derradeira forma de integração na esfera fa-



Retrato de Família

Encomendado por Valen-

tim Carmo Freixo

Data 1932

Cota EDN 7858

Ampliação digital efectuada a partir de digitalização de negativo original (negativo de vidro p/b, dimensões 13x18cm)

miliar⁶. Entre os trabalhos de Eduardo Nogueira contam-se, também, imagens deste tipo relativas a crianças.

Os aspetos que têm sido referidos denotam que parte do espólio do autor é composto por fotografias que assinalavam etapas da vida e/ou favoreciam a integração familiar, tinham um pendor intimista e se destinavam a uma circulação restrita. E, ainda que não se tenha feito um estudo detalhado sobre o assunto, o que se apurou

sobre a identidade dos retratados⁷, aliado ao facto de incorporarem este tipo de fotografias nas suas práticas sociais, permite-nos conjecturar que os indivíduos e os grupos captados seriam oriundos da elite e das classes médias eborenses da época.

As gentes, a cidade e o trabalho

Os aspetos mais ligados à vida privada, perscrutados nas fotografias de Eduardo Nogueira, são parte integrante das vivências dos eborenses entre os anos trinta e sessenta do século passado.

Mas o espólio do autor, como já referido, não se esgota nesta vertente. Do seu legado constam também muitas imagens que testemunham as múl-

6 Sobre o tema, cf. Margarida Medeiros, *Fotografia e verdade: uma história de fantasmas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 18, e Isabelle Renaudet, "Entre trajectoire individuelle et imaginaire collectif. Les collections de photographies *post mortem* du Muséu del Pueblu d'Asturies", in Anne Carol et Isabelle Renaudet (dir.) *LA MORT A L'ŒUVRE Usages et représentations du cadavre dans l'art*, Aix-en-Provence, Presses Universitaires de Provence, 2013, pp. 229-246.

7 Previamente à realização da exposição fotográfica que está na base do presente Catálogo, a equipa do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora efetuou uma ação de reconhecimento das pessoas que constam nas fotografias de Eduardo Nogueira. A identificação nominativa e as atividades profissionais dos fotografados, nomeadamente os incluídos nas fotografias de etapas de vida e de cariz familiar, estão na base das considerações sobre a sua origem social que são avançadas no corpo do texto.

tiplas e diversas práticas em que se desdobravam Os dias na cidade. Através delas, pressente-se uma cidade de cultura, de trabalho e de sociabilidade, cuja espessura assentava nas atividades quotidianas das suas gentes⁸.

Embora outras dimensões da vida urbana tenham sido também captadas pelo fotógrafo, os temas acima discriminados destacam-se no elenco dos trabalhos de Eduardo Nogueira.

Para efeitos de enquadramento destas dimensões do quotidiano eborense, seguem-se algumas notas sobre a posição da cidade de Évora na rede urbana portuguesa da época e sobre demografia.

Num período de acentuação do crescimento das cidades de média dimensão, sobretudo a partir do início da segunda década do século XX, Évora manteve-se nesse grupo, embora com efeitos populacionais próximos do limite inferior considerado para a categoria⁹.

Assim, embora não conseguisse acompanhar a dinâmica de urbanização que ocorria no lito-

ral do país entre Lisboa e Braga, no início da década de 1940 Évora seria a única cidade portuguesa fora da fachada atlântica com mais de 20.000 habitantes¹⁰.

De facto, considerado todo o século XX, os anos de 1930 a 1960 corresponderam ao período de crescimento mais elevado e regular da população eborense.

Évora - população urbana, concelhia e distrital (1930-1960)¹¹

Unidades de análise	Anos			
	1930	1940	1950	1960
Évora	18269	21851	25678	28652
Concelho de Évora	35903	42683	47387	50095
Distrito de Évora	179036	209956	221881	219961

O centro urbano exibiu um acréscimo de 57%, claramente superior aos valores concelhios (39,5%) e distritais (23,8%). Os dados intercensitários

8 Sobre a problemática das relações entre fotografia e quotidiano cf. José Machado Pais, Clara Carvalho e Neusa Mendes de Gusmão (orgs.) *op.cit.*, 2008, (em particular os trabalhos incluídos na parte "Fotografia quotidiano e cidade").

9 Cf. Álvaro Ferreira da Silva, *Crescimento urbano, regulação e oportunidades empresariais: a construção residencial em Lisboa, 1860 - 1930*, Florença, Instituto Universitário Europeu (tese de doutoramento policopiada), 1987, vol. I, pp.81-85.

10 Cf. Orlando Ribeiro, Hermann Lautensach e Suzanne Daveau (comentários e actualização), *Geografia de Portugal. III O Povo Português*, 3ª ed., Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1999, op. cit., p.747.

11 Origem dos dados referidos no quadro: Ana Bela Nunes, "Portuguese Urban System: 1890-1991", in *Urban Dominance and Labour Market Differentiation of a European Capital City*. Lisbon 1890-1990, (Pedro Têlhado Pereira e Maria Eugénia Mata ed.), London, Kluwer Academic Publishers, pp.7-48; *Plano Director Municipal Évora. Estudos de Caracterização do Território. Anexo I Estudos de Caracterização do território*, Évora, Câmara Municipal de Évora, 2007, p.9.

desvendam ainda que, durante as três décadas consideradas, o crescimento mais expressivo se situou entre 1930 e 1940¹².

Um breve olhar sobre a estrutura de idades evidencia que em 1940 o concelho de Évora tinha 29% de jovens com idade inferior a 15 anos e em 1960, no centro urbano, esse peso era de 21%. Se bem que os dados não sejam comparáveis de forma linear, pode dizer-se que a cidade de então tinha um peso bastante superior de população jovem, se comparado com os dias de hoje.

Embora seja necessária investigação mais detalhada sobre o assunto, fica a hipótese de que o menor peso dos jovens no conjunto da população eborense entre 1940 e 1960 terá ficado a dever-se a uma crescente modernidade nos comportamentos demográficos e sanitários. A população do centro urbano estaria numa fase já adiantada do processo de transição demográfica.

12 Faz-se esta consideração excluindo o período entre 1970 e 1981 – nestes dez anos a população eborense cresceu 45%, um decénio excepcional em todo o século XX. Valores obtidos com base nos dados de Ana Bela Nunes, “Portuguese Urban System: 1890-1991”, in *Urban Dominance and Labour Market Differentiation of a European Capital City*. Lisbon 1890-1990, (Pedro Telhado Pereira e Maria Eugénia Mata ed.), London, Kluwer Academic Publishers, pp.7-48 e Câmara Municipal de Évora, *Plano Director Municipal Évora. Estudos de Caracterização do Território. Anexo I Estudos de Caracterização do território*, Évora, Câmara Municipal de Évora, 2007, p.9.

fica: recuo da morte, aumento da esperança média de vida, maior controle nos nascimentos e, por efeito de tudo isso, diluição do peso dos jovens no conjunto da população. Por outro lado, os fluxos de mobilidade em direção ao litoral e a emigração para o exterior integravam cada vez mais gente do Alentejo e Évora não terá ficado alheia a esta dinâmica¹³.

De qualquer modo, a inegável vitalidade demográfica da cidade durante o período que baliza o nosso estudo explica que, a partir de 1930, o centro urbano tenha em definitivo extravasado as centenárias muralhas que ao longo de séculos o definiam.

O tempo do fotógrafo Eduardo Nogueira foi marcante do ponto de vista das intervenções na cidade histórica com intuítos de modernização infra-estrutural e de construção de equipamentos, e também do ponto de vista das obras e projetos para o espaço extra-muros, no sentido da expansão urbana¹⁴.

Este foi igualmente o tempo de consolidação da posição de Évora na rede urbana regional. Afirmando-se como uma das principais sedes de distrito, acolhia diversos serviços e organismos do aparelho periférico do Es-

13 Os dados intercensitários de 1960-1970 demonstram que ao longo desta década a população do centro urbano contraiu 1,6% (28652 residentes em 1960 e 28186 em 1970). Cf. Ana Bela Nunes, *op.cit.*, pp.7-48 e Câmara Municipal de Évora, *op.cit.* p.9. Para mais informações sobre o acentuar das dinâmicas de mobilidade em direção ao litoral, sobre o crescimento da emigração e quebra de vitalidade demográfica no Alentejo cf. Teresa Rodrigues Veiga, *op. cit.*, pp. 37-64

14 Para uma cronologia e etapas da expansão urbana de Évora no período contemporâneo cf. Cármen Almeida coord., *Riscos de um Século. Memórias da evolução urbana de Évora*, Évora, CME, 2001, pp. 57-150 e Domingas Simplício, “A cidade de Évora e a Relevância do Centro Histórico”, in *A Nova Vida no Velho Centro nas Cidades Portuguesas* (José Alberto Rio Fernandes e Maria Encarnação Sposito, org.) Faculdade de Letras da Universidade do Porto / GEGOT, 2013, pp. 1-5.

tado, alguns dos quais lhe permitiam tutela territorial que abrangia todo o sul do país.¹⁵

As informações recolhidas nos Anuários Comerciais, embora apresentem lacunas, permitem a elaboração de um inventário sobre a relevância de Évora como centro administrativo e de serviços e a sua projecção regional neste campo¹⁶.

Para além dos organismos e repartições correspondentes ao papel de Évora como capital de concelho, de distrito e sede de comarca, a cidade acolhia também outros serviços decorrentes de já ter aquelas funções. Em 1933, ilustrando esta situação, contavam-se a Direcção de Estradas do Distrito de Évora, a Direcção de Finanças Distrital, a Inspeção Escolar do Distrito, a Intendência de Pecuária, a Agência do Banco de Portugal, a Filial da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, a Administração Judicial, Assistência Judicial, Tutoria da Infância e Tribunal do Trabalho.

A cidade captava igualmente diversos serviços de âmbito regional que atuavam no plano da regulação económica: a 4ª Circunscrição da Direcção Geral das Indústrias, a Estação de Cerealicultura e Delegação da Inspeção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas, e a 5ª Circunscrição da Previdência Social. Este organismos, embora sem grande impacto sobre a economia local, faziam de Évora a cidade interlocutora de Lisboa e, assim, consolidavam a sua proeminência no contexto regional.

Outros serviços e equipamentos que também contribuíam para projecção regional de Évora tinham por base as suas importante funções milita-

res. Os indivíduos que por esse motivo afluíam à cidade, e aqui se mantinham pelo menos durante algum tempo, influíam positivamente na sua vida económica e social enquanto consumidores de bens e serviços múltiplos. A cidade acolhia o Quartel-general da 4ª Divisão Militar, a Direcção de Propriedades e Obras Militares, o Hospital Militar Regional, a Farmácia Central do Exército, a Manutenção Militar, e dispunha de uma numerosa guarnição militar¹⁷. O Batalhão nº3 da Guarda Nacional Republicana também estava sediado em Évora e tinha tutela territorial sobre as Companhias localizadas em Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro. O Batalhão nº2 da Guarda Fiscal estava igualmente situado em Évora e tinha cinco Companhias, localizadas em Castelo Branco, Elvas, Serpa, Vila Real de Santo António e Faro.

No campo da educação, Évora era a cidade a sul do Tejo que concentrava os equipamentos mais diversificados. Destacavam-se o Liceu Central, a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pe-

15 Cf. Jorge Gaspar, *A Área de Influência de Évora. Sistema de Funções e Lugares Centrais*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1981 (2ª ed.), p. 326.e Teresa Barata Salgueiro, *A cidade em Portugal. Uma geografia Urbana*, Porto, Afrontamento.1992, p. 125.

16 Sobre posição de Évora na rede urbana portuguesa e a sua projecção regional, cf. Maria Ana Bernardo, *Sociedade e elites no concelho de Évora. Permanência e mudança (1890-1030)*, Lisboa, FCT/FCG, 2013, pp. 95-118.

17 Para conhecimento mais detalhado sobre a importância de Évora na organização territorial do Exército a partir da segunda metade do século XIX cf. Joana Filipa Afonso Machado, *O Palácio dos Morgados da Mesquita. Memórias da presença militar em Évora*, Évora, Universidade de Évora (dissertação de mestrado), 2013.



reira¹⁸, a Escola de Regentes Agrícolas e ainda a Escola do Magistério Primário.

Para além dos estabelecimentos enunciados, a cidade dispunha de diversas escolas primárias, de pelo menos um colégio privado e, certas instituições assistenciais e beneficentes, algumas sob supervisão do clero, ensinavam os ofícios que preparavam os discípulos para a vida profissional e ministravam-lhes também as primeiras letras.

Não será inverosímil considerar que, para além de Lisboa, Porto e Coimbra, muito poucas cidades portuguesas, à época, disporem de um conjunto de equipamentos escolares mais diversificado e completo do que o Évora.

Por isso se buscaram informações sobre a situação da população da cidade eborense no plano da alfabetização. Em 1960, a população portuguesa com idade igual ou superior a 10

anos tinha uma percentagem de alfabetizados de 67 % (Évora: 80%), a classe 10-14 anos situava-se nos 97% (Évora: 98%) e a de 15-19 anos nos 91% (Évora: 96%)¹⁹.

Dados nacionais demonstram, segundo António Candeias²⁰, a eficácia do Estado Novo na promoção da alfabetização em Portugal pela via da escolarização. De facto, é precisamente na classe etária em idade escolar que os dados eborenses mais se equiparam às percentagens nacionais. Porém, quando a população mais velha é considerada, torna-se evidente que a vida em meio urbano favoreceu a alfabetização dos eborenses. Para além desta tendência, conhecida da literatura sobre o tema, parece-nos que pode ser considerada a hipótese de alguma correlação entre o perfil funcional da cidade que tem vindo a ser desenhado e a posição da mesma no plano da alfabetização.

Em benefício desta hipótese mencione-se, também, que já no início da década de trinta do século XX Évora dispunha de uma notável Bi-

18 Cf. Fernando Gameiro, *Com Engenho e Arte. Ensino Técnico em Évora durante a I República: a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira*, Lisboa, Edições Colibri - CIDEHUS/Universidade de Évora, 2011; Fernando Gameiro e Maria Ana Bernardo, "Quando a Universidade era o Liceu: Sociedade, Política e Elites em Évora durante a I República" in *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa* (Sara Marques Pereira e Francisco Lourenço Vaz coord.), Lisboa, Chiado Editora, 2012, p. 589-605; Helder Adegar Fonseca e Fernando Gameiro, "O liceu de Évora na formação das elites portuguesas. Percursos Escolares e Profissionais 1841-1941", *Escolas, Culturas e Identidades, Vol III*, III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Coimbra, 2004, pp.17-36.

19 Os dados nacionais foram coligidos em António Candeias, "Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal", *Análise Social*, vol. XL (176), 2005, pp. 477-498; as percentagens relativas a Évora apuraram-se a partir do *X Recenseamento Geral da População (1960)*, tomo III vol. 2º: *Instrução*, Lisboa, 1964.

20 Idem, p.495.

Grupo de alunas do Asilo de Infância Desvalida

Encomendado por Asilo de Infância Desvalida

Data 1938

Cota EDN 018912

Ampliação digital efectuada a partir de digitalização de negativo original (negativo de vidro p/b, dimensões 13x18cm)



**Baile na Sociedade
Harmonia Eborenses**

Data Década de 1950(?)

Cota SHE 146

Ampliação digital efectuada
a partir de prova fotográ-
fica original (dimensão
13x18cm)

biblioteca Pública, de um Arquivo Distrital e também de um Museu Regional. Neste conjunto de equipamentos culturais incluíam-se igualmente o Teatro Garcia de Resende e o Salão Central Eborense, este último vocacionado para o cinema e com crescente protagonismo na vida cultural da cidade após inauguração do novo edifício em meados da década de 1940²¹. O elenco referido está longe de ser exaustivo relativamente aos espaços de cultura e lazer de que os eborenses podiam usufruir entre os anos trinta e sessenta do século passado, mas estes seriam os mais emblemáticos e imponentes.

21 Tânia Rico, "Salão Central Eborense, um olhar sobre o seu património" A Cidade de Évora, nº5. 2001.

Efetivamente, a multiplicidade das práticas de sociabilidade dos eborenses, fossem elas de cariz mais cultural, desportivo ou simplesmente convivial, disseminavam-se nela por diferentes espaços e recantos da cidade e eram transversais a toda a população, que delas se apropriava incutindo-lhes a sua específica marca de classe²².

No plano assistencial, a cidade dispunha da Misericórdia, da Casa Pia de Évora - uma das poucas instituições deste tipo existentes no país²³ - e do Albergue Distrital de Mendicidade Existiam ainda outras instituições benéficas, de alcance mais reduzido, onde o espírito de filantropia de alguns eborenses oriundos de meios sociais abastados se fazia sentir. Entre elas

22 Para conhecimento mais detalhado do multifacetado e complexo universo das práticas de sociabilidade eborenses cf., entre outros, Maria Ana Bernardo, *Sociabilidade e Distinção em Évora na Segunda Metade do Século XIX. O Círculo Eborense*, Lisboa, Cosmos, 2001 e Armando Quintas, *Espaços de Lazer e de Sociabilidade em Évora. Seminário de conservação e Reabilitação do Património Cultural*, Évora, Universidade de Évora, 2007.

23 cf. M. Ângela Montenegro Miguel «Casa Pia», «Casa Pia das Convertidas», «Casa Pia da Évora», «Casa Pia das Moças Desamparadas», «Casa Pia do Porto», s.d., Dicionário de História de Portugal (Joel Serrão dir.) vol.IX, Porto, Figueirinhas, pp.513-515.

contavam-se o Asilo da Infância Desvalida, o Asilo de Cegos João Baptista Rolo, a Associação do Dinheiro dos Pobres e a Associação Creche e Lactário, a Associação Eborense das Senhoras de Caridade, a Associação de Beneficência Escolar Eborense e, ainda, o Asilo de Mendicidade Ramalho Barahona. No campo do mutualismo, a cidade contou com a Sociedade Artística Eborense e depois com a Legado do Caixeiro Alentejano e O Legado Operário de Évora.

Com virtualidades para a dinamização da economia local, refira-se o setor dos serviços e empresas de comunicações e transportes: correios, telégrafos e telefones, caminho de ferro e as firmas de aluguer de camionetas e de transportes de passageiros. Entre estas, já no início da terceira década do século XX era referida a Transportadora Setubalense Limitada: garantia ligações regulares diárias entre a cidade e os principais centros populacionais do distrito e entre este a capital do país.

Com efeito, o estatuto regional da cidade não advinha apenas, nem sobretudo, da sua proeminência no plano da administração e crescente burocracia do Estado, embora esta lhe conferisse importante capital de prestígio e, por comparação com outros centros populacionais da região, evidenciasse a sua atmosfera urbana.

No dizer de Orlando Ribeiro, o seu pulsar mais profundo era o de uma cidade regional profundamente enraizada na lavoura e na criação de gado, cuja importância assentava numa intensa função de centro agrícola e pecuário “da província das grandes herdades e dos seus senhores, que pesa[vam] a trigo, a cortiça, a porcos [...] a sua importância social”²⁴.

Um tal enquadramento, independentemente de outras motivações, traz à memória a vertente de fotografia etnográfica de Eduardo Nogueira.

24 Cf. Orlando Ribeiro, 1994, *Opúsculos Geográficos. V volume: Temas urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 341.

Também muito valiosa do ponto de vista documental, mas lateral à génese da presente reflexão sobre Évora e as suas gentes.

Mas Os Dias na cidade que a atual mostra sobre a obra do autor evoca no que diz respeito ao mundo da economia e do trabalho são uma relativa novidade e trazem até nós uma faceta menos divulgada dessa mesma obra.

Muitas fotografias captam atividades transformadoras que produzem bens com vista à satisfação das necessidades da população da região e/ou sustentam uma atividade comercial, de maior ou menor distância, com base em produtos agro-industriais²⁵. Falamos das moagens, dos lagares, das adegas, das salsicharias mas também das muito numerosas padarias e confeitarias, das fábricas de bebidas não alcoólicas e de licores, que pontuavam nas ruas da cidade em estreita relação com os espaços habitacionais.²⁶

25 Cf. Paulo Eduardo Guimarães, “As associações capitalistas eborenses: actores, áreas de negócio e ritmos de formação (1889-1960)”, *História. Revista da Faculdade de Letras*, Porto, III Série, vol. 8, 2007, pp. 157-193.

26 Sobre a miríade de unidade transformadores disseminadas pela cidade, cf. Maria Cristina Patrício dos Santos, *Memórias de um património industrial esquecido, do centro histórico de Évora e arredores (1800-1970)*. Inventário e projeto de valorização, Évora, Universidade de Évora (relatório de estágio de mestrado), 2013.



Operário de "A Comercial d'Evora" (Praça Joaquim António de Aguiar)

Encomendado por Sr. Alcobia

Data 1932

Cota EDN 018770-B

Ampliação digital efectuada a partir de digitalização de negativo original (negativo de vidro p/b, dimensões 18x24cm)

Em pequenos espaços ou em oficinas mais amplas fabricavam-se produtos para o setor da construção, construíam-se pequenas peças ou grandes obras de carpintaria e produzia-se roupa de casa, vestuário variado, calçado, chapéus e tantos outros objetos usados no quotidiano doméstico ou em outros sectores de atividade, fossem eles a agricultura, a pecuária, os transportes e comunicações, etc²⁷.

Por vezes, sobretudo nas unidades de menor dimensão, a vertente da produção tinha continuidade na comercialização dos produtos. Assim, certos espaços e locais que Eduardo Nogueira fotografou são casas comerciais que funcionavam como a face visível da atividade transformadora.

Os artesãos e operários implicados no processo produtivo, em regra estão presentes nessas fotografias. Uma vez parecem embrenhados na atividade, como se a imagem captada fosse um instantâneo, noutras, o artificio da pose cria um instante de suspensão do quotidiano que, paradoxalmente, parece valorizar a própria atividade.

Algumas das mais interessantes fotografias que constam da presente mostra sobre a obra de Eduardo Nogueira são precisamente imagens de empresas. Indústrias transformadoras, muitas delas, mas também firmas comerciais e fornecedoras de serviços, onde sobressaem as relacionadas com o setor automóvel e com os transportes motorizados em geral, ou com as alfaías agrícolas: venda, reparações mecânicas, combustível.

Transmitem uma mensagem de modernidade pelos ambientes funcionais dos seus espaços e pelo aspeto de eficiência profissional dos seus trabalhadores. São, assim se assumem, pela objetiva cúmplice do fotógrafo, as empresas modernas da cidade de Évora. Refiram-se, apenas a título de exemplo, a Fábrica dos Leões – Sociedade Alentejana de Moagem Ld^a., o Fomento Eborense, também no setor alimentar, a Tudauto: Organização Industrial de Archimínio Caeiro, Ld^a. e a Fábrica de Aglomerados de Cortiça de Artur Augusto Ferreira.

Culminam a imagem de modernidade, fazem na empresa fotografia de família: em frente à fachada do edifício ou em outro local que permita a sua boa identificação, em traje domingueiro, trabalhadores e empresários confirmam, para memória futura, que a empresa é (também) a sua família.

27 Sobre a importância da pequena indústria no Alentejo do século XX cf. Paulo Eduardo Guimarães, *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)*, Lisboa, Colibri/Cidehus – Universidade de Évora, 2006, para o século XIX, cf. Ana Cardoso de Matos, *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista. O caso dos lanifícios do Alentejo*, Lisboa, Estampa, 1998. Para conhecimento das atitudes empresarias das elites económicas do sul de Portugal cf. Helder Adegar Fonseca, *O Alentejo no século XIX: economia e atitudes económicas no Alentejo Oitocentista*, Lisboa, INCM/ICS, 1996.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Cármen (coord.), *Riscos de um Século. Memórias da evolução urbana de Évora*, Évora, CME, 2001.
- ALMEIDA, Cármen, *Objectos Melancólicos*, Lisboa, Caleidoscópio, 2005;
- Ayer 24: *Imagem e Historia*, Madrid, Marcial Pons, 1996.
- BARTHES, Roland, *O Rumor da Língua*. Lisboa, Edições 70, 1987.
- BERNARDO, Maria Ana, *Sociabilidade e Distinção em Évora na Segunda Metade do Século XIX. O Círculo Eborense*, Lisboa, Cosmos, 2001.
- BERNARDO, Maria Ana, *Sociedade e elites no concelho de Évora. Permanência e mudança (1890-1030)*, Lisboa, FCT/FCG, 2013.
- BURKE, Peter, *Visto y no visto. El uso de la imagen como documento histórico*, Barcelona, Crítica, s.d.
- CANDEIAS, António, “Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal”, *Análise Social*, vol. XL (176), 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e Mauad, Ana Maria, “História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema” in *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia* (Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas org.), Rio de Janeiro, Campis, 1997.
- FONSECA, Helder Adegar e Gameiro, Fernando, “O liceu de Évora na formação das elites portuguesas. Percursos Escolares e Profissionais 1841-1941”, *Escolas, Culturas e Identidades, Vol III*, III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Coimbra, 2004.
- FONSECA, Helder Adegar, *O Alentejo no século XIX: economia e atitudes económicas no Alentejo Oitocentista*, Lisboa, INCM/ICS, 1996.
- GAMEIRO, Fernando e Bernardo, Maria Ana, “Quando a Universidade era o Liceu: Sociedade, Política e Elites em Évora durante a I República” in *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa* (Sara Marques Pereira e Francisco Lourenço Vaz coord.), Lisboa, Chiado Editora, 2012.
- GAMEIRO, Fernando, *Com Engenho e Arte. Ensino Técnico em Évora durante a I República: a Escola Industrial e Comercial Gabriel Pereira*, Lisboa, Edições Colibri - CIDEHUS/Universidade de Évora, 2011.
- GASPAR, Jorge, *A Área de Influência de Évora. Sistema de Funções e Lugares Centrais*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1981 (2ª ed.).
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo, “As associações capitalistas eborenses: actores, áreas de negócio e ritmos de formação (1889-1960)”, *História. Revista da Faculdade de Letras*, Porto, III Série, vol. 8, 2007.
- GUIMARÃES, Paulo Eduardo, *Elites e Indústria no Alentejo (1890-1960)*, Lisboa, Colibri/Cidehus –Universidade de Évora, 2006.
- LEITE, Miriam Moreira, *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MACHADO, Joana Filipa Afonso, *O Palácio dos Morgados da Mesquita. Memórias da presença militar em Évora* (dissertação de mestrado), Évora, Universidade de Évora, 2013.
- MATOS, Ana Cardoso de, *Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Industrial no Portugal Oitocentista. O caso dos lanifícios do Alentejo*. Lisboa, Estampa, 1998.
- MATTOSO, José (Dir.), *História da Vida Privada em Portugal. Vol 3: A Época Contemporânea* (Irene Vaquinhas Coord.), Lisboa, Circulo de Leitores, 2010.

- MEDEIROS, Margarida, *Fotografia e verdade: uma história de fantasmas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.
- MONTEIRO, Charles, "História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa", *MÉTIS: história & cultura*. v. 5, n. 9, 2006.
- NUNES, Ana Bela, "Portuguese Urban System: 1890-1991", in *Urban Dominance and Labour Market Differentiation of a European Capital City: Lisbon 1890-1990*, (Pedro Telhado Pereira e Maria Eugénia Mata ed.), London, Kluwer Academic Publishers, s.d.
- NUNES, Maria de Fátima, "Arqueologia de uma prática científica em Portugal – uma história da fotografia", in *História. Revista da Faculdade de Letras*, III Série, vl. 6, Porto, 2005.
- PAIS, José Machado, Carvalho, Clara e Gusmão, Neusa Mendes de (orgs.), *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- Plano Director Municipal Évora. Estudos de Caracterização do Território. Anexo I Estudos de Caracterização do território*, Évora, Câmara Municipal de Évora, 2007.
- POMIAN, Krzysztof, *De l'histoire, partie de la mémoire, à la mémoire, objet d'histoire* «Revue de Métaphysique et de Morale», nº 1, 1998.
- POSSAMAI, Zita Rosane, "Narrativas fotográficas sobre a cidade", *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, 2007.
- QUINTAS, Armando, *Espaços de Lazer e de Sociabilidade em Évora. Seminário de conservação e Reabilitação do Património Cultural*, Évora, Universidade de Évora, 2007.
- RENAUDET, Isabelle, "Entre trajectoire individuelle et imaginaire collectif. Les collections de photographies *post mortem* du Muséu del Pueblu d'Asturies", in Anne Carol et Isabelle Renaudet (dir.) *LA MORT A L'ŒUVRE Usages et représentations du cadavre dans l'art*, Aix-en-Provence, Presses Universitaires de Provence, 2013.
- RIBEIRO, Orlando, Lautensach, Hermann e Daveau, Suzanne (comentários e actualização), *Geografia de Portugal. III O Povo Português*, 3ª ed., Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1999.
- RIBEIRO, Orlando, *Opúsculos Geográficos. V volume: Temas urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- RICO, Tânia, "Salão Central Eborense, um olhar sobre o seu património", *A Cidade de Évora*, nº5, 2001.
- SALGUEIRO, Teresa Barata, *A cidade em Portugal. Uma geografia Urbana*, Porto, Afrontamento, 1992.
- SANTOS, Maria Cristina Patrício dos, *Memórias de um património industrial esquecido, do centro histórico de Évora e arredores (1800-1970). Inventário e projeto de valorização*, (relatório de estágio de mestrado), Évora, Universidade de Évora, 2013.
- SENA, António, *História da Imagem fotográfica em Portugal (1939 – 1997)*, Porto, Porto Editora, 1998.
- SERÉN, Maria do Carmo, "Imagem fotográfica como agente ou armadilha de aprendizagem/interpretação", in *Educação Sociedade & Culturas*, nº 40, 2013.
- SERRÃO, Joel (Dir.), *Dicionário de História de Portugal vol.IX*, Porto, Figueirinhas, s.d.
- SILVA, Álvaro Ferreira da, *Crescimento urbano, regulação e oportunidades empresariais: a construção residencial em Lisboa, 1860 - 1930*, (tese de doutoramento policopiada), vol. I Florença, Instituto Universitário Europeu, 1987.
- SIMPLÍCIO, Domingas, "A cidade de Évora e a Relevância do Centro Histórico", in *A Nova Vida no Velho Centro nas Cidades Portuguesas* (José alberto Rio Fernandes e Maria Encarnação Sposito, org.) Faculdade de Letras da Universidade do Porto / GEGOT, 2013.

pág. 50/51

Sala de espera do atelier de Eduardo Nogueira

Data: Década de 30 (?)

Ampliação digital efectuada a partir de digitalização de negativo original (negativo de vidro p/b, dimensões 18x24cm), gentilmente cedido por Luis Nogueira Morais dos Santos